



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**HILDEGARDES ALVES BANDEIRA BOMFIM**

**ECOS RADIOFÔNICOS: História, Memória e Sociabilidades na comunidade  
Feijão Bravo II (1960 – 2013).**

**PICOS – PI**

**2014**

**HILDEGARDES ALVES BANDEIRA BOMFIM**

**ECOS RADIOFÔNICOS: História, Memória e Sociabilidades na comunidade Feijão  
Bravo II (1960 – 2013).**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito.

**HILDEGARDES ALVES BANDEIRA BOMFIM**

**ECOS RADIOFÔNICOS: História, Memória e Sociabilidades na comunidade Feijão  
Bravo II (1960 – 2013).**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura  
Plena em História, do Campus Senador Helvídio  
Nunes de Barros, da Universidade Federal do  
Piauí, como requisito necessário para obtenção do  
grau de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Ms. Fábio Leonardo  
Castelo Branco Brito.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito//UFPI-CSHNB  
(Orientador)

---

Profa. Dra. Nilsângela Cardoso Lima//UFPI-CSHNB  
(Examinadora)

---

Profa. Ms. Lívia Moreira Barroso  
(Examinadora)

---

Prof. Dr. Francisco de Assis Sousa Nascimento//UFPI-CSHNB  
(Suplente)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem o qual não seria nada.

À minha mãe pelo amor incondicional, por ter desistido de ter uma vida para nos criar com tanta garra, amor e carinho. Aos meus irmãos Herbert e Hermersom (In memoriam), pela ajuda e companheirismo. Amo muito vocês.

Ao meu marido por sua fiel e amável dedicação a mim, ele que nunca duvidou da minha capacidade e sempre me incentivou e me deu forças nas horas de desespero, nunca vou cansar-me de te agradecer e dizer o quanto te amo.

Ao meu lindo e amado filho, ao qual é o meu motivo de nunca ter desistido nas horas difíceis, minha fortaleza e meu refúgio sempre. Te amo, te amo...

A minha família que me apoiou incondicionalmente pela escolha desse tema, pois, afinal fala de nossas origens, da nossa feliz infância no Feijão Bravo II ou na serra como costumamos dizer. Amo vocês demais.

Aos meus entrevistados, tio Luís, tio Deoclécio, tia Dionéia e minha prima Ana, que contribuíram com seu tempo e suas memórias para a concretização desse trabalho.

A todos os professores do curso de História que fizeram parte do meu crescimento intelectual e que tornaram tão enriquecedora essa minha trajetória acadêmica.

Ao meu orientador Fábio Leonardo Brito, à minha primeira orientadora Olívia Candeia, por acreditar no meu potencial, por sempre me estimular e me motivar a alcançar meus objetivos, pela dedicação e paciência a mim dispensada a qualquer hora do dia ou da noite, além de todo conhecimento transmitido.

A todos os meus amigos que me deram força e escutaram-me nas horas de agonia, às minhas primas queridas Tereza Marta e Tatiana Alves, irmãs de coração e amigas de todas as horas.

Não poderia esquecer os amigos de curso, de luta, de batalha, em especial, José Paulo, Nívia, Rannyelle, Priscila, Marleide, pela grande amizade e cumplicidade construída nessa trajetória de quatro anos e meio. Às conversas, conselhos, brincadeiras, principalmente nessa reta final, pois, nossos momentos de descontração tornaram este trabalho mais ameno e prazeroso.

A todos que acreditaram em mim e que torceram pela minha vitória, agradeço de coração.

A história não é saudade, mas a saudade é história...

(Durval Júnior)

## RESUMO

O presente estudo monográfico tem como objetivo estudar historicamente o primeiro aparelho de rádio que veio adentrar na comunidade Feijão Bravo II entre os anos de 1960 e 2013, bem como as transformações no cotidiano, práticas de sociabilidades e sensibilidades de seus habitantes. Através da metodologia da história oral, procuramos apreender as experiências e compreender as representações compartilhadas pelos entrevistados, analisando, dessa maneira, a importância do rádio como instrumento de lazer e diversão para a comunidade Feijão Bravo II do período em estudo, bem como seus usos e contribuições para as mudanças no cotidiano da referida comunidade e propor novas formas de sociabilidades e entretenimento cultural.

**PALAVRAS – CHAVE:** rádio, história, memória e cotidiano.

## **ABSTRACT**

This monographic study aims to construct a narrative around the major inventions of the modern world radio. In Brazil this invention with the lapse of time has reached a range of power and social influences penetration and delighting those who came into contact with this communicative vehicle, leading to society, especially the entertainment and leisure. This study has the main objective to make a historical building around the first community radio Bean Bravo II and changes in daily life of its inhabitants. By the method / technique of oral history attempt to analyze the experiences and understand the symbolic representations shared by the interviewees, understanding the importance of radio as recreational space Bean and fun for Bravo II community of the period under study, as well as its uses and contributions changes in the daily routine of that community and propose new forms of sociability and cultural entertainment.

**KEYWORDS:** radio, history, memory and everyday life.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Fotografia 01.</b> Luís Alves de Sousa .....	23
<b>Fotografia 02.</b> Ana Francisca da Conceição Sousa.....	24
<b>Fotografia 03.</b> Deoclécio Alves de Sousa.....	28
<b>Fotografia 04.</b> Dionéia Cipriano Alves de Sousa.....	30

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 DOS PRIMEIROS ACORDES RADIOFÔNICOS NO BRASIL À CHEGADA DO RÁDIO NA COMUNIDADE FEIJÃO BRAVO II EM CAMPO GRANDE DO PIAUÍ...</b>	16
1.1. A chegada do primeiro aparelho de rádio na comunidade Feijão Bravo II.....	22
1.2.O surgimento do nome Feijão Bravo II.....	25
1.3. A importância do rádio na comunidade .....	27
1.4. A transmissão do rádio.....	29
1.5. As dificuldades em receber notícias.....	29
1.6. Ter rádio era sinônimo de riqueza.....	32
<b>2. RÁDIO: UM ELEMENTO DE LAZER E REUNIÃO FAMILIAR.....</b>	35
2.1. A proximidade das pessoas ao redor do rádio.....	35
2.2.O rádio como forma de lazer e as mudanças no cotidiano da comunidade.....	40
2.3 O encanto acabou.....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	46
<b>FONTES E REFERÊNCIAS.....</b>	48

## INTRODUÇÃO

O conceito de sociabilidade é pertinente nessa análise porque é resultado de inúmeras formas de relações sociais que são possibilitadas por alguma razão e que neste caso, será discutido pelas vias do rádio. Este por sua vez, é um meio de comunicação democrático no que toca à acessibilidade e tem a capacidade de alcançar lugares remotos e públicos diversos. A principal característica desse veículo de comunicação é a oralidade, mas também tem a capacidade de levar o ouvinte a reproduzir as narrativas com imagens que este emite.

Ao tratarmos que a sociabilidade se dá por meio da interação entre os indivíduos, concordamos com a seguinte ideia de Simmel:

Visto que é abstraída da sociação através da arte ou do jogo, a sociabilidade demanda o mais puro, o mais transparente, o mais eventualmente atraente, tipo de interação, a *interação entre iguais*. Devido à sua verdadeira natureza, deve criar seres humanos que renunciem tanto a seus conteúdos objetivos e assim modifiquem sua importância externa e interna, a ponto de se tornarem socialmente iguais. Cada um deles deve obter valores de sociabilidade para si mesmo apenas se os outros com quem interage também os obtêm. A sociabilidade é o jogo no qual se “faz de conta” que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e “fazer de conta” não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade. O jogo só se transforma em mentira quando a ação e a conversa sociável se tornam meros instrumentos das intenções e dos eventos da realidade prática – assim como uma pintura se transforma numa mentira quando tenta, num efeito panorâmico, simular a realidade.<sup>1</sup>

Com base no exposto acima, passa-se a entender que a sociabilidade é um conceito relevante quando esta se vincula ao rádio, tendo em vista que o rádio é uma forma de se promover a sociabilidade. Contudo, é importante atentar para o seguinte pensamento em torno da sociedade que se construiu á luz do advento do rádio.

Aqui, “sociedade” propriamente dita é o estar com um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesma, e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> SIMMEL, G. Sociologia. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983. São Paulo: Ática, 1983. p. 173.

<sup>2</sup> SIMMEL, G.; MORAES FILHO, Evaristo (org.). op., cit. pgs. 168/169.

O rádio nasceu no século XX e até os dias atuais é um dos principais veículos de comunicação, pois, é possível perceber que o uso deste veículo comunicativo continua sendo amplamente utilizado em todos os lugares do mundo. Ao longo de sua história, o rádio tem se configurado como um meio de comunicação de massa cujas principais são o caráter instantâneo, o acesso fácil e rápido, inclusive por pessoas com situação econômica desfavorável.

O rádio desempenhou diferentes papéis na sociedade e chegou a ocupar um lugar reservado em um dos cômodos das residências dos brasileiros, integrando o seu dia a dia. Tratar da história do rádio e sua inserção no cotidiano têm sido objeto de estudo de alguns pesquisadores, tanto da área da História como na comunicação. Não obstante, os estudos ainda não esgotaram as possibilidades de eleger a temática como um objeto de estudo, sobretudo, quando o espaço temporal da pesquisa é o Piauí e, especificamente, a comunidade Feijão Bravo II.

Entre os objetivos que permeiam a pesquisa está o de desenvolver uma discussão a respeito do primeiro contato dos moradores do Feijão Bravo II com o aparelho tecnológico, através da memória afetiva e das sensibilidades dos indivíduos. Nesse sentido, levamos em consideração as vivências, as experiências, as emoções e as diversas maneiras desses sujeitos de enxergarem seu cotidiano e as práticas de sociabilidade relacionadas ao rádio. Analisaremos a importância deste meio de comunicação, assim como, as transformações culturais e cotidianas, visto que o rádio foi um objeto cuja presença se tornou obrigatória nos lares brasileiros e piauienses.

Todavia, pesquisar a história do rádio na comunidade Feijão Bravo II não é uma tarefa fácil. Em virtude da falta de fontes escritas, este estudo se desenvolveu numa perspectiva mais concreta através do método/técnica da História Oral. Neste trabalho, a história oral é entendida a partir da definição da autora Sônia Maria de Freitas, na qual a define como “[...] um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> FREITAS, Sônia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. 2. Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. P. 18.

Assim sendo, foi desenvolvido, paralelamente, uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo envolvendo os moradores da referida comunidade, adotando-se como método a entrevista temática. Tais atores sociais foram fundamentais para a construção da narrativa deste trabalho monográfico, pois devido à carência de documentos escritos e de fontes hemerográficas que tratassem do assunto, a disponibilidade dos entrevistados e as informações apresentadas ao longo das entrevistas são percebidas como fragmentos de memória importantes para compreender parte da história do rádio no cotidiano dos habitantes do Feijão Bravo II. As imagens foram usadas como fonte, pois, tornará o texto mais compreensível ao leitor, a partir da visualização dos sujeitos, uma vez que concordamos com Lucília de Almeida Neves Delgado quando afirma que:

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. De acordo com Meihy (2005), é um procedimento premeditado de produção de conhecimento, que envolve os entrevistados e aparelhagem da gravação.<sup>4</sup>

Considerando a validade do procedimento acima referenciado foi indispensável para a construção narrativa, realizar entrevistas com os sujeitos que participaram de perto e vivenciaram a chegada do rádio no Feijão Bravo II, tais como: Luís Alves de Sousa, Deoclécio Alves de Sousa, Ana Francisca da Conceição Sousa, Dionéia Cipriano de Sousa Alves. Os critérios de seleção para os meus entrevistados foram a vista que todos eles estavam presentes quando o primeiro aparelho de rádio veio para a referida comunidade. Todos os envolvidos contribuíram com suas lembranças e fragmentos de memórias, individuais e coletivas, para a composição deste trabalho.

Para fundamentar a proposição da memória individual e coletiva que constitui este estudo monográfico, as discussões teóricas levantadas por Maurice Halbwachs, para compreensão da memória coletiva, foram determinantes, uma vez que os relatos dos entrevistados evidenciam fragmentos de memórias individuais permeadas pela memória coletiva, considerando que “[...] não há lembranças que

---

<sup>4</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidades. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 16.

reaparecem sem que alguma forma seja possível relacioná-las a um grupo”.<sup>5</sup>. Entretanto, é apoiado na memória, que iremos construir a nossa versão sobre o passado, que nada mais são do que versões construídas.

A discussão acerca do rádio no cotidiano das pessoas demanda necessariamente um conhecimento prévio da história da radiodifusão no Brasil e no Piauí que, por sua vez, se tornou possível através do diálogo com autores como: Gisela Ortriwano (1985), José Ramos Tinhorão (1981), Francisco Alcides do Nascimento (2005), José Maria Vieira de Andrade (2005), Nilsângela Lima (2006, 2007), Fabílson Araújo dos Santos (2011), Márcia de Araújo Sousa (2011), Newton Dângelo (2012), Lia Calabre de Azevedo.

O lazer e as sociabilidades puderam ser objeto de estudo a partir do advento da escola dos Annales. Foi na década de 1970, na terceira geração dos Annales, que ocorreu uma mudança de foco, saindo do estruturalismo econômico para o estudo do cotidiano e das representações, ou seja, desprendendo-se do estudo do indivíduo separado da sociedade em que vive e dando importância às experiências e à realidade desses indivíduos dentro do grupo a que pertence. Somente nos anos de 1980, na França, com Roger Chartier e Michel de Certeau, esses novos estudos se firmaram enquanto a chamada História Cultural. A História Cultural propunha o estudo do indivíduo, da cultura popular e do cotidiano, como uma história a ser escrita e também valorizada, uma história dos pormenores, pensando nas diferenças através do estudo dos conflitos socioculturais, tendo em vista que nenhuma sociedade é igual.<sup>6</sup>.

O trabalho está dividido em duas partes. No primeiro capítulo intitulado “Dos primeiros acordes radiofônicos no Brasil à chegada do rádio na comunidade Feijão Bravo II em Campo Grande do Piauí”, procurou-se focar o início e o desenvolvimento da radiodifusão no Brasil, partindo das primeiras experiências de transmissão em ondas sonoras brasileiras até a chegada do primeiro aparelho, como surgiu o nome da comunidade, a importância do rádio, assim como a dificuldade de receberem notícias pelos meios convencionais e mostrar que o rádio não era só para quem tinha algum tipo de poder aquisitivo.

---

<sup>5</sup> HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. [Trad. Beatriz Sidou]. São Paulo: Centauro, 2006. p. 42.

<sup>6</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

O segundo capítulo, denominado “Rádio: um elemento de lazer e reunião familiar” reconstrói a proximidade das pessoas ao redor do rádio e como esse momento de lembrar faz com que mexa com os sentimentos e as sensibilidades dos entrevistados. As várias formas de lazer que o rádio proporcionou na época e por fim a perda do encanto onde o rádio de ator principal dentro da casa passa a ser um mero coadjuvante do lado de outras tecnologias e que o centro da sala de estar já está ocupado com outros aparelhos.

## 1. DOS PRIMEIROS ACORDES RADIOFÔNICOS NO BRASIL À CHEGADA DO RÁDIO NA COMUNIDADE FEIJÃO BRAVO II EM CAMPO GRANDE DO PIAUÍ.

A trajetória histórica do rádio evidencia que este veículo de comunicação nasce no século XIX e chega ao Brasil em 1879 quando “o aparelho inventado no final do século XIX, logo se integrou à vida cultural dos brasileiros.” No que diz respeito à radiodifusão no Brasil, Tinhorão diz que a Rádio Clube de Pernambuco fundada em 1919 teria sido apontada por alguns estudiosos como pioneira na radiodifusão do país<sup>7</sup>, porém, outros autores afirmam que o Rio de Janeiro é que vem a ser o precursor na experiência radiofônica do Brasil.

Em 1900 Marconi consegue a patente por um processo que permite ao operador do equipamento selecionar um comprimento específico de onda. Em fevereiro do mesmo ano surge a primeira estação comercial, localizada na ilha alemã de Borkum. No ano de 1901, Guglielmo Marconi realiza a primeira transmissão transatlântica. Usando código Morse, o cientista consegue transmitir sons entre Poldhul na Cornoalha britânica e St.John, em Newfoundland.<sup>8</sup>

Inicialmente, as primeiras transmissões não apontavam para seus usuários uma durabilidade e com isso é no ano de 1923 que a radiodifusão se instala oficialmente no Brasil. Segundo Santos “nasce o rádio no Brasil através de um empreendimento que tinha por interesse levar a educação e cultura ao povo brasileiro.”<sup>9</sup> Para esse estudioso a radiodifusão veio a ser difundida ainda na década de 1920, sendo que foi em São Paulo que o Brasil ganhou sua primeira emissora. Santos ao discorrer sobre difusão do rádio no país diz que:

A partir das informações apresentadas, torna-se evidente que aquilo que foi pensado por Roquete Pinto em levar radiodifusão ao povo brasileiro, transformando-o em meio de comunicação da grande massa não aconteceu

<sup>7</sup> TINHORÃO, José Ramos. Música popular: do gramofone ao rádio e TV. São Paulo: Ática, 1981.p.34.

<sup>8</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Fios de memória: histórias do rádio. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; NASCIMENTO, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Área Paz. Histórias: cultura, sociedade, cidades. Recife: Bagaço, p. 1 – 29, 2005. Disponível em: [http://www.ufpi.br/mesthistoria/downloads\\_artigos/fiosdememoria.pdf](http://www.ufpi.br/mesthistoria/downloads_artigos/fiosdememoria.pdf). Acesso em 11 ago. 2012.

<sup>9</sup> SANTOS, Fabílson Araújo dos. Pelas ondas sonoras da 790 KHz: sociabilidade, cultura e lazer através da Rádio Mafrense (1990-2010). Picos: 2011. Monografia (Licenciatura Plena em História) – UFPI. p.15.

nas duas primeiras décadas do século XX. No rádio, a programação voltada para elite continua durante toda a década de 20.<sup>10</sup>

É com base nesse pensamento que se compreende que o uso do rádio nem sempre esteve voltado para a questão do entretenimento, já que muitas vezes, o rádio era utilizado em favor dos interesses de uma pequena parcela da sociedade com alto poder aquisitivo, a elite em detrimento da função de entretenimento, sociabilidades e informação que o rádio poderia oferecer.

Na visão de Outriwano, foi somente na década de 1930 que a radiodifusão passou por transformações significativas, entre as quais se destaca a inclusão da publicidade na programação do rádio<sup>11</sup> e que, segundo a autora:

O governo mostra, a partir dos anos 1930, preocupar-se seriamente com o meio, que definia como 'serviço de interesse nacional e de finalidade educativa' regulamentado o seu funcionamento e passando a imaginar maneiras de proporcionar-lhes bases econômicas mais sólidas, concretizadas pelo decreto 21.111, que autorizava a veiculação de propaganda pelo rádio, tendo limitado sua manifestação, inicialmente, a 10% da programação, posteriormente elevada para 20% e, fixada em 25%.<sup>12</sup>

De acordo com esse pensamento, o rádio assume um caráter mais moderno, uma vez que admite sua função social, propondo-se a atender com eficiência aos ouvintes através das mensagens publicitárias. Santos afirma que a programação do rádio se diversifica levando em conta a classe média urbana que ora ascende e que surge, portanto, da perspectiva comercial que carecia de um alcance maior em seu público.<sup>13</sup>

Apesar de saber que a presença de um meio de comunicação de massa no Brasil acontece desde a primeira metade do século XX, de acordo com Sousa, o rádio conquista o povo e vira uma paixão em solo brasileiro,<sup>14</sup> porém até chegar ao

---

<sup>10</sup> SANTOS, op.cit.,p.15.

<sup>11</sup> ORTRIWANO, Gisela Swetlana: A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 4. Ed. São Paulo: Summus, 1985.p.15.

<sup>12</sup> ORTRIWANO, op. cit., 1985. p.15.

<sup>13</sup> SANTOS , op. cit., 2011. P.16.

<sup>14</sup> SOUSA, Márcia de Araújo: No ar o programa correspondente do interior: história e memória da rádio difusora de Picos (1979 – 2011). Picos 2011. Monografia (licenciatura Plena em História) - UFPI. p.16.

Piauí este veículo fez um percurso longo e marcado pelo privilégio da elite. Assim, fica clara a importância do rádio em face de que se têm atualmente diversos meios de comunicação que não alcançaram o respaldo e a confiança como este, seja pela forma com que se apresenta, seja pelas condições culturais que estão à volta destes novos veículos comunicativos.

Ao longo de sua história, o rádio tem se configurado como um meio de comunicação de massa, cujas principais características são o caráter instantâneo, o acesso fácil e rápido por todos os povos inclusive por pessoas com situação econômica desfavorável. De acordo com Lima.

O “ouvir” rádio faz parte do lazer moderno, assim como participar dos eventos que ele promove tornou-se mais uma opção de divertimento e entretenimento cotidiano. Os programas de auditório revelaram grandes nomes de cantores, formaram a constelação de astros e estrelas da música popular brasileira e oferecia novas formas de sociabilidade. A formação de ídolos populares por meio do rádio impulsionava não só a contratação de cantores para shows em todo Brasil, como alimentava o desejo de lucro das gravadoras com a venda de discos com sucessos da época, fortalecendo a nascente indústria fonográfica no Brasil.<sup>15</sup>

Diante do exposto, o rádio, para além da função comunicativa, de entretenimento e informação era também uma forma de levar para o mundo do sucesso, artistas até então desconhecidos, o acesso destes artistas as transmissões radiofônicas do rádio era um dos requisitos para alavancar a indústria fonográfica.

Em 1940, tem início oficialmente a primeira experiência de rádio no Piauí, mais especificamente na cidade de Parnaíba. No início, as transmissões foram realizadas com o apoio de pessoas que tinham certa influência política e econômica na cidade de Parnaíba. Segundo Fabílson Araújo dos Santos apesar de passar por inúmeras dificuldades no início, a década de 1940, foi o período de afirmação da Rádio Educadora de Parnaíba, com a formação de uma “sociedade por cotas” que possibilitou tanto a constituição das formalidades legais, quanto à compra de equipamentos.<sup>16</sup> Já na capital piauiense a Rádio Difusora de Teresina só chega à década de 1948, proporcionando à população teresinense novos modos comportamentais em seu cotidiano.

---

<sup>15</sup> LIMA, Nilsângela Cardoso. Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1960). Dissertação (Mestrado em História do Brasil), Teresina: UFPI, 2007.p.41.

<sup>16</sup> SANTOS, op. cit., 2011.p.23.

Estas novas formas de entretenimento proporcionaram à população teresinense novos hábitos, como, as conversas que eram uma constante e todos os dias feitas nas calçadas, teve seu horário modificado por conta da programação da emissora, pois o horário do 'bate-papo teve que ser reorganizado levando em consideração o horário da radionovela, que passou a ter prioridade, para só depois dela, dar continuidade aos falatórios.<sup>17</sup>

Com isso, o rádio passa a possibilitar alterações e novas relações sociais e cotidianas. Com a chegada da década de 1960 surgiram duas novas rádios em Teresina, possibilitando novas opções de informação, entretenimento e cultura à sociedade local.

A chegada dos anos sessenta do século XX é marcada por profundas transformações na cidade, decorrentes da aceleração do seu processo de conhecimento urbano, implicando em mudanças significativas no comportamento social que, entre outras coisas, passou a exigir novos elementos de diversão e entretenimento. Tais mudanças refletiam diretamente em todos os níveis, alcançando assim os meios de comunicação da cidade, de forma que, diante deste contexto surgiram mais duas emissoras de rádio na capital, a Rádio Clube de Teresina e a Pioneira de Teresina fazendo com que finalmente, a Difusora de Teresina perdesse a posição ocupada, até então a única emissora teresinense.<sup>18</sup>

No Piauí, quando o rádio foi inaugurado já apresentava programação diversa, desde o jornal ao aspecto cultural onde os programas chamavam a atenção das pessoas e adquiria pouco a pouco uma popularidade cada vez maior.<sup>19</sup>

Com a popularização do rádio no Piauí, outras cidades vão implantando esse tipo de meio de comunicação. É neste momento, que a cidade Picos ganha sua primeira rádio, a Rádio Difusora de Picos – 920 KHz.

A história do rádio no cenário picoense é uma temática atrativa visto que se deseja percorrê-la com vistas a compreendê-la e qual o sentido ou contexto sobre o qual se fez a abertura da Rádio Difusora de Picos no final da década de 1970.

Na cidade de Picos concebe-se que a implantação da radiodifusão se deu por motivos políticos, pois segundo informa Nunes, as duas emissoras que existiam eram de propriedade de partidos políticos (UDN e PSD). É bem verdade que Nunes

---

<sup>17</sup> SANTOS, op. cit., 2011.p.27.

<sup>18</sup> ANDRADE, José Maria Vieira de. Pelas ondas da Rádio Pioneira de Teresina: história, sociedade e cultura em sintonia. Teresina: 2005. Monografia ( Licenciatura Plena em História) – UFPI .p.38.

<sup>19</sup> SOUSA, op. cit., 2011.p.42.

esclarece a situação das amplificadoras no cenário picoense afirmando que o serviço se inicia a partir de interesses dos partidos e não tão somente comercial ou de diversão.<sup>20</sup> Dessa forma, cabe salientar que a implantação das primeiras emissoras de rádio em Picos não era de propriedade particular, mas pertencia aos partidos políticos.

Este fato da implantação radiofônica no cenário picoense ser produto de um contexto político não nasce isolado do contexto estadual na medida em que, ao se analisar a história política do país, é possível perceber que existia uma série de fatores que confluíram para a emergência da expansão no rádio. No cenário brasileiro, o rádio era veículo de programação da ideologia de Getúlio Vargas e com isso, admite-se a hipótese de que o rádio era a princípio mais do que uma forma educativa e cultural era, pois, o meio de comunicação literalmente falando de veicular as informações que eram necessárias para o governo expandir sua política. Por outro lado, o período conhecido como Ditadura Militar buscava inibir as manifestações sociais, o que fazia do rádio instrumento ao seu favor e, ao mesmo tempo, contra visto que, este também poderia ser usado para “perturbar a ordem vigente”.<sup>21</sup>

No cenário econômico, o país vivenciava a chamada fase do “Milagre Econômico” e o rádio era instrumento responsável por propagar a ascensão econômica do país. Com isso, todos os locais do país deveriam saber de tudo que acontecia no Brasil e o que era conveniente ao governo divulgar.

Em consonância com o pensamento de Sousa, a criação do rádio em Picos surgiu devido ao fato de que, no início da década de 1970, o país vivenciava o progresso tecnológico e a expansão industrial, o que justificava a necessidade de propagação deste progresso.<sup>22</sup>

Com base nisso, a importância de um estudo como este não se deve tão somente a uma necessidade de compreensão da função comunicativa do rádio, mas, sobretudo, porque se espera desvendar as relações sociais do rádio com seus ouvintes.

---

<sup>20</sup> NUNES, Helvídio. Tempo de Política. Teresina: Alínea publicações. 1996.p.53.

<sup>21</sup> SANTOS, op. cit., 2011.p.29.

<sup>22</sup> SOUSA, op. cit., 2011.p.20.

O programa “Correspondente do Interior” está na programação da Rádio Difusora de Picos desde o ano de 1979, em que foi fundada a Rádio em Picos e permanece até hoje, reservado para ouvir as informações da microrregião, bem como acompanhar os anúncios de propaganda que auxiliam na localização de produtos e serviços. Entretanto, fica claro a importância do programa em face de que se têm atualmente diversos meios de comunicação que não alcançaram o respaldo e a confiança como este, seja pela forma com que se apresenta, seja pelas condições culturais que estão à volta destes novos meios de comunicação.

Este por sua vez, é um meio de comunicação democrático no que toca à acessibilidade e tem a capacidade de alcançar lugares remotos e públicos diversos, adentrando os lares e levando diariamente informações. O “Programa Correspondente” do Interior tornou-se relevante no cenário picoense porque chega às pessoas por meio do rádio que na visão de Outriwano “é em muitos casos o único instrumento que leva a informação as regiões nas quais a população não tem acesso”.<sup>23</sup>

O rádio no cenário picoense, através do programa “Correspondente do Interior” é o meio de promover a sociabilidade familiar, visto que o referido programa é considerado hoje como porta-voz das comunidades rurais. E é de umas dessas comunidades chamada de Feijão Bravo II localizado na zona rural de Campo Grande do Piauí que irei retratar a memória de alguns de seus habitantes. Dessa forma, acerca da memória, pode-se pontuar o pensamento de Amado:

Essa faculdade social da memória, a de recuperar e introjetar, nos indivíduos e grupos, vivências de outros tempos, sempre interessaram aos cientistas sociais. Pollack (1989) a denominou ‘memória herdada’; Bourdieu (1989) contemplou-a no conceito de *habitus*, e Freud (1989), remontando a Platão, no de ‘bloco mágico’; Durkheim (1938) referiu-se assim a ela: ‘em cada um de nós, seguindo proporções variáveis, existe o homem de ontem; é este mesmo homem de ontem que, pela força das coisas, predomina em nós... Apenas, esse homem do passado, nós não o sentimos, pois que é inveterado em nós: forma a parte inconsciente de nós mesmos’.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> ORTRIWANO. op. cit., 1985.p.25.

<sup>24</sup> FERREIRA, M. M; AMADO, J. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.  
<http://www.fiocruz.br/ehosudeste/templates/htm/viiencontre/textosIntegra/AparecidaMacielaSilvaShikidaeMariaAparecidaMoura.pdf>. acessado em 2013.

De acordo com essa autora, a memória é uma valiosa fonte para o trabalho do historiador e isso está expresso no pensamento abaixo:

Penso que entrevistas podem e devem ser utilizadas por historiadores como fontes de informação. Tratadas como qualquer documento histórico, submetidas a contraprovas e análises, fornecem pistas e informações preciosas, muitas inéditas, impossíveis de serem obtidas de outro modo. Pesquisas baseadas em fontes orais, publicadas nos últimos anos, têm demonstrado a importância das fontes orais para a reconstituição de acontecimentos do passado recente.<sup>25</sup>

### **1.1. A chegada do primeiro aparelho de rádio na comunidade Feijão Bravo II.**

A década de 1960 foi um período em que os avanços técnicos e inovações tecnológicas se afirmavam de maneira ainda mais crescente com o aperfeiçoamento do gravador portátil de televisão fazendo surgir o videocassete, a conquista da lua, o desenvolvimento do chip de computador e o sucesso do cinema e da televisão, principalmente com os programas de auditório. Os anos sessenta representavam mudanças vertiginosas no qual uma parcela significativa dos indivíduos, por não conseguirem se adequar a tantas mudanças em tão pouco tempo, se perdiam em meio a esse processo, tendo diferentes percepções. E um dos fatores que mais contribuem para isso é justamente a questão sensorial que o rádio e a presença do poder da voz trazem ao ser humano, na medida em que:

Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um. No caso da televisão, a decodificação das mensagens também se dá ao nível sensorial, só que a imaginação é limitada pela presença da imagem. No caso dos veículos impressos, a sensorialidade está muito mais contida, permitindo uma decodificação ao nível racional, sem envolvimento emocional que são criados pela presença da voz.<sup>26</sup>

Sendo assim, na comunidade Feijão Bravo II, esse tipo de descoberta não chegou tão cedo, o advento de novas tecnologias chegara à comunidade a partir da década de 1960. Talvez seja por este motivo que não se inseriu no contexto de

---

<sup>25</sup> FERREIRA; AMADO, op. cit., 1996.

<sup>26</sup> ORTRIWANO, op. cit., 1985.p.80.

efervescência cultural e presença das novas tecnologias tal quais os grandes centros brasileiros, ocorrendo nela de forma mais tímida.

Luís Alves de Sousa<sup>27</sup> nasceu na cidade de Monsenhor Hipólito, ainda pequeno mudou-se para comunidade Feijão Bravo II, tem setenta e dois anos e diz que todo dia ouve o rádio, mas, especificamente o programa “Correspondente do Interior”, conta que na década de 1960 seu pai trouxe o primeiro rádio de São Paulo para a comunidade e fala como todos receberam o aparelho:

Tanto aqui como em Monsenhor Hipólito foi o meu pai que trouxe o primeiro rádio de São Paulo, olha o povo vinha pra ver o rádio, nós viajávamos para São Paulo nós éramos crianças, ele me levava, pois eu sempre fui mais ativo, a primeira vez que fui com ele (para São Paulo) foi em 1960, quando foi em 61 ele trouxe o rádio, porque aqui ninguém tinha, ninguém, ninguém, ninguém, ninguém tinha rádio por aqui ainda, o primeiro rádio foi ele que teve dessa região que eu conheço ‘tudim’ de Alagoinhas pra cá, pai era o primeiro a ter trazido um rádio para cá.



Ilustração 01: Luís Alves de Sousa em sua residência, Feijão Bravo II (PI). 2013. Acervo: Hildegardes Alves

Mesmo antes de seu sucesso espalhar-se pelas casas da comunidade, Luís Alves de Sousa conta que muita gente ia para ouvir os programas, que variavam de acordo com o horário. A busca de uma narrativa histórica que faça uso da memória tanto individual quanto coletiva. Neste tocante, a memória se torna fator preponderante, pois:

<sup>27</sup> SOUSA, Luís Alves de. Entrevista concedida a Hildegardes Alves. Monsenhor Hipólito: 12 Out. 2013.

Apriore, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas, Maurice Halbwachs, nos anos 20 – 30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou seja, como fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.<sup>28</sup>

Reconstruindo as lembranças de aproximadamente trinta e cinco anos atrás, época em que a senhora Ana Francisca da Conceição Sousa<sup>29</sup> descreve quando seu pai trouxe o primeiro rádio para casa e o seu primeiro contato com esse veículo de comunicação.

Pai comprou um rádio em Picos junto com meu tio Bibiano, era um moto rádio pegava seis pilhas. Ave Maria! A alegria quando papai chegou com esse rádio, eu era pequenininha, criancinha tinha uns quatro anos, e foi mais ou menos em 1976, ainda me lembro, lembro como se fosse hoje!

Esse fragmento de memória da senhora Ana Francisca da Conceição Sousa nos revela o quanto possuir um rádio fazia a alegria das pessoas. Pois como afirma Le Goff “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.<sup>30</sup>



Ilustração 02: Ana Francisca da Conceição Sousa, Monsenhor Hipólito (PI), 2014, acervo; Hildegardes Alves.

<sup>28</sup> POLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos históricos. Rio de Janeiro, v 5, n. 10, 1992.p.201.

<sup>29</sup> SOUSA, Ana Francisca da Conceição. Entrevista concedida a Hildegardes Alves. Monsenhor Hipólito: 12 de Out. de 2013.

<sup>30</sup> LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.p.476.

Para Dângelo a função do rádio no lar brasileiro, pode ser explicada da seguinte forma:

A dimensão da cultura material em torno da fabricação e do consumo de invenções de objetos, recursos urbanos e aparelhos de rádio, torna-se significativa para esse estudo porque a expansão da radiofonia não se restringia às emissões sonoras, mas à posse e utilização do aparelho ao lugar que ele passaria a ocupar, não só no que se refere ao espaço físico doméstico, mas também à importância que lhe seria atribuída como fixação de horários no cotidiano, no trabalho e no lazer. As necessidades em jogo, portanto, eram também as dos ouvintes e apesar dos discursos de época e das análises mais tradicionais da massificação, o nosso campo de reflexão procura apreender o ouvinte na condição de protagonista, receptor ativo, ao contrário de consumidor passivo de invenções, sendo a técnica admitida como interesse em disputa na sociedade (...).<sup>31</sup>

Em face disso, percebe-se que o rádio deixa de ser nesse contexto, apenas uma mera produção para se tornar um objeto de grande relevância já que também possui a virtude de conduzir comportamentos, fixar horários, direcionar ações de trabalho e de lazer.

## 1.2. O surgimento do nome Feijão Bravo II.

A referida comunidade está localizada aproximadamente 351,2 km da capital do Estado, Teresina, é uma localidade exclusivamente rural, interiorana e muito pacata. Seguindo o modelo de muitas outras comunidades do Piauí, o seu processo de povoamento se deu por meio de um morador chamado Né Bezerra, de uma família muito tradicional da localidade. A principal atividade econômica é a agricultura de subsistência e de grande escala e como descreve Luís Alves de Sousa:

É o seguinte, tem Feijão Bravo I e II. O fundador daqui é “Né Bezerra” e têm os mais velhos que é “Né” Bezerra, Joaquim Nicolau, Jacó, Antônio Avelino, esse povo aí... Então quando a gente chegou aqui e começamos os trabalhos era tudo mato. A pista daqui até sair na cidade foi tudo feito em um ano, o finado “Dió” que era o pai de Antônio Pinto, ele comprou um terreno e abriu a estrada para o outro lado e nós desse lado isso foi em 1962. Começamos pelo mês de Julho, eu tinha nessa época uns 16 anos, nós abrimos toda a estrada no trabalho braçal, porque por aqui não tinha essas modernidades de máquinas, como tratores, caçambas. Quando foi em 1964 foi que começamos a construir casas aqui, casa de farinha. Aqui tem uma árvore que tem muito nessa região com o nome de feijão bravo, ele é um pau que é alimento para o gado, ele coloca uma vagem pequenininha que se parece com a do feijão, só que, os humanos não

<sup>31</sup> DÂNGELO, Newton. Vozes da cidade: rádio e cultura popular urbana em Uberlândia-MG (1930-1970) – Uberlândia, UDUFU, 2012.p.47.

podem comer, é alimento para animal. Aí apelidaram do nome e aqui é o Feijão Bravo II.<sup>32</sup>

Na vida econômica, social e a geografia da comunidade não houve muitas mudanças. Desde sua fundação até hoje continua as mesmas casas simples, barreiros onde antes se coletava a água da chuva, alguns tinham uma cisterna, mas nem todos podiam mandar fazer uma. Há casas de farinha onde até hoje os moradores fazem a farinhada. Perguntei ao senhor Luís Alves de Sousa como era o método da farinhada e ele fez uma breve explanação de como acontece:

04h00min da manhã os donos desperta primeiro aí depois a turma toda desperta também, chega e cada qual tem sua função, tem o arrancador, tem o forneiro, tem o prenheiro, tem quatro mulheres, cinco com a caseira e daí começa funcionar cada qual já conhece seu trabalho. Todo mundo só vai ficar reunido quando a mandioca chegar, aí às mulheres vão raspar a mandioca para sevar e lavar, com isso será separado a farinha da goma. Vamos dizer que é uma associação, é parceria com todo mundo, ninguém pode encostar-se a ninguém, deixar mais pro outro do que pra si. Todo mundo tem que fazer aquilo terminar, porque quando terminar vai ser só lazer, umas quatro ou cinco horas da tarde, aí umas 7 horas da noite todos se juntam e vão fazer beiju no forno, chega gente de fora para visitar, porque era um acontecimento das redondezas.<sup>33</sup>

Já a Ana Francisca da Conceição Sousa lembra-se de como era o modo de vida que ela e as irmãs tinham na época que moravam no Feijão Bravo II. Como Bosi relata sobre a reconstrução do passado “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conservando-se no espírito de cada ser humano aflora a consciência na forma de imagens- lembranças”<sup>34</sup>. A respeito dessas memórias reconstruídas Ana Francisca da Conceição Sousa diz o seguinte:

Nós trabalhávamos na roça, era uma vida totalmente agrária, era a semana na roça, mas só um horário porque no outro nós estudávamos, pegávamos a bicicleta e íamos estudar em Campo Grande do Piauí, na época chamado de KM 75. A distância do Feijão Bravo para o Campo Grande é de 3 km. Quando chegávamos do colégio íamos colocar água, encher potes e vasilhas secas de água trazidas do barreiro (buraco fundo e cimentado para coletar água das chuvas), naquele tempo não tinha negócio de torneira ou

<sup>32</sup>SOUSA, Luís Alves de. Depoimento concedido a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.

<sup>33</sup> SOUSA, Luís Alves de. Depoimento concedido a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.

<sup>34</sup> BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.p.53.

de carro pipa, era na cabeça, a água da chuva que caía nos barreiros, nós íamos buscá-la na cabeça.<sup>35</sup>

### 1.3. A importância do rádio na comunidade.

A chegada do rádio na comunidade teve um impacto melhor do que se imaginava, pois, na época não havia muitos meios de comunicação que chegavam até lá, só carta ou telegrama e isso demorava semanas às vezes até meses, isto é, servia para diminuir a distância entre as pessoas que mesmo estando longe fisicamente, através do rádio sentiam-se próximas. Acerca dessa proximidade Dângelo “o rádio proporcionaria mais tarde ao levar notícias de parentes que vieram morar na cidade aos que permaneceram na zona rural”.<sup>36</sup> Desse modo o aparelho receptor servia para receber parentes, amigos e conhecidos que desejavam acompanhar a programação do rádio, principalmente, no horário dos programas em que mantinham informados dos principais acontecimentos.

Deoclécio Alves de Sousa<sup>37</sup> fala o que aconteceu de importante nessa comunidade quando o primeiro aparelho de rádio chegou:

Ah o rádio foi muito importante pra cá, porque nesse tempo a gente quase não sabia o que era o mundo! E depois do rádio ficamos sabendo mais do mundo. Quando pai trouxe o rádio pra casa foi uma surpresa grande! Porque nesse tempo quando falava é um rádio, não se sabia o que era. Antes de pai trazer a gente ouvia falar em rádio, mas, não sabíamos o que era. Tinha um programa que se chamava “Aquarela Nordestina”, que era na rádio Sociedade da Bahia, aí era todos os sábados e duas horas de programa e juntava era gente, aquela vizinhança, vinha era todo mundo, começava 19h00min e terminava 21h00min da noite. O rádio ele serviu para juntar as pessoas, para reunião em determinados horários de programa, era uma atração.

---

<sup>35</sup> SOUSA, Ana Francisca da Conceição. Entrevista concedida a Hildegardes Alves. Monsenhor Hipólito: 12 de Out. de 2013.

<sup>36</sup> DÂNGELO, op. cit., 2012. p.51.

<sup>37</sup> SOUSA, Deoclécio Alves. Entrevista concedida a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.



Ilustração 03: Deoclécio Alves de Sousa em sua casa na comunidade Feijão Bravo II. (PI). 2013. Acervo: Hildegardes Alves.

Como diz Delgado sobre o processo da memória e suas dimensões no tempo “os sinais exteriores são referências e estímulos para o afloramento de lembranças e recordações individuais que constituem o substrato de ato do rememorar”.<sup>38</sup>

Como vimos na fala de Deoclécio Alves de Sousa, o rádio não foi só uma forma de lazer e sim de junção das pessoas, que vinham de longe só para ouvir e deleitar-se com os programas que passavam na época, assim, o rádio torna-se um instrumento que possibilita a reunião das pessoas que pretendiam acompanhar sua programação. Do mesmo modo, isto só foi possível graças aqueles que, possuindo aparelho, abriram suas casas para recepcionar homens, mulheres e crianças. As lembranças do senhor Deoclécio é um fragmento de memória coletiva, de modo que para Mauricio Halbwachs, “a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças sejam construídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos paixões que atribuímos a nós, são na verdade, inspiradas pelo grupo.”<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> DELGADO, op. cit., 2006. p.16.

<sup>39</sup> HALBWACHS, op. cit., 2006.p.40.

#### 1.4. A transmissão do rádio

Mesmo na cidade de Picos não tendo nenhuma emissora de rádio, sendo assim, a cidade mais próxima da comunidade Feijão Bravo II os seus moradores relatam que o aparelho conseguia captar as transmissões do rádio de outros estados, como Luís Alves de Sousa relata:

Pegava bom não precisava de antena, ele captava o som de São Paulo, Salvador, de todo canto ele pegava, pegava pra esses lados de Teresina, todo canto. Olha! Novela! Quando saiu novela há 20 anos, há 20 anos não porque eu vim ver novela, já chegando em 80(referindo-se a década de 1980), que eu vi ao vivo na televisão, e nesse tempo já tinha no rádio, aí nós assistíamos no rádio, aí foi que nós viemos saber o que significava novela.<sup>40</sup>

Sendo assim, a história da implantação da primeira emissora de rádio na cidade de Picos ocorre no ano de 1979 e seu fundador foi o político Helvídio Nunes de Barros. A Rádio Difusora de Picos foi instalada à Rua Joaquim Baldoíno nº 40 no centro urbano, e, permanece no mesmo endereço, com algumas modificações na estrutura física. Sua primeira programação impactou determinantemente o comportamento social “pode-se perceber que a emissora, desde a sua fundação, tinha uma programação voltada para um público variado, levando ao ar, programas de cunho musical, religioso, informativo, de entretenimento etc.”<sup>41</sup>

Até o início do século XXI o rádio foi o principal meio de comunicação utilizado pela comunidade Feijão Bravo II para obtenção de informação, entretenimento e cultura. De maneira que, além da programação oferecida pelas rádios de outros estados, outra emissora de rádio que foi constantemente sintonizada na comunidade Feijão Bravo II, a Rádio Difusora de Picos.

Portanto, a Rádio Difusora vem a ser importante na comunidade Feijão Bravo II, logo, a única forma de fazer circular notícias era pessoalmente, pois não tinha meios de comunicação e o transporte era precário. As pessoas se deslocavam a pé ou em lombo de animais.

#### 1.5. A dificuldade em receber notícia

---

<sup>40</sup> SOUSA, Luís Alves de. Depoimento concedido a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.

<sup>41</sup> SOUSA, op. cit., 2011.p.35.

Uma das maiores dificuldades dos moradores da comunidade do Feijão Bravo II era, a falta de acesso, pois, as empresa de Correios e Telégrafos do Piauí não chegava até a comunidade. Acerca disso, Santos afirma “o radiojornalismo foi um dos programas mais ouvidos, independente da emissora que o oferece. Seu principal interesse é o de levar informação ao público ouvinte sobre os mais variados assuntos, buscando transmitir as mudanças no momento exato”.<sup>42</sup> Segundo alguns moradores as notícias chegavam por telegrama ou no boca a boca. Como vamos ver no depoimento da Dionéia Cipriano de Sousa Alves<sup>43</sup>:

Com o rádio nós ficamos menos isolados do mundo, porque tínhamos como saber o que acontecia no mundo todo, só através de rádio e sem precisar sair de casa.



Ilustração 04: Dionéia Cipriano Alves de Sousa em sua casa na comunidade Feijão Bravo II. (PI), 2013. Acervo: Hildegardes Alves.

No entanto, as próprias características imanentes do rádio como meio de comunicação de massa nos mostra que o seu papel vai muito além de uma função meramente informativa e sobre acontecimentos próprios de seu cotidiano. O rádio contribui para difusão de práticas e valores socioculturais, trabalhando como porta-

---

<sup>42</sup> SANTOS, op. cit., 2011.p.47.

<sup>43</sup> ALVES, Dionéia Cipriano de Sousa. Entrevista concedida a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.

voz ou portador de elementos culturais, influenciando no comportamento e no imaginário social das pessoas.

Já o senhor Luís Alves de Sousa dá outra versão sobre o mesmo caso:

Há os correios só iam até a cidade de Picos, chegava a Picos aí passava um telegrama pra onde queria, a primeira vez que eu fui para São Paulo não tinha telefone, era telegrama, nós pegávamos dinheiro nos bancos, andava negociando, aí passava o telegrama e tinha as pessoas que vinham de Picos deixar em Monsenhor Hipólito, aí tinha a casa de procurar (a correspondência), como hoje tem os correios né? Aí a gente se comunicava desse jeito, alcancei bom e me lembro... Ainda trabalhei com esses meio assim, que era obrigado, pois não tinha transferência de dinheiro.<sup>44</sup>

Podemos perceber a partir desse fragmento acima o quanto a chegada do rádio na comunidade foi importante para provocar mudanças nos hábitos sociais, se considerarmos que o radinho passou a ser o companheiro diário dos ouvintes que não pretendiam perder nada dos programas oferecidos para poderem ficar bem informados e menos isolados do mundo como relata a Dionéia Cipriano de Sousa Alves. A memória dos ouvintes recorda o momento em que veio à lembrança de como as notícias chegavam mais rápidas com o advento daquele receptor, o que para Halbwachs, podemos criar representações do passado assentadas na percepção de outras pessoas, no que imaginamos ter acontecido ou pela internacionalização de representações de uma memória histórica: A lembrança “è uma imagem engajada em outras imagens”.<sup>45</sup>

De acordo com Sousa, o rádio contribuiu e até contribui como porta-voz do povo, mais precisamente daqueles que moram em localidades distantes, pois adentra nos lares e leva informações.<sup>46</sup> Assim, o rádio representa uma importância imensurável para a comunidade Feijão Bravo II. Contudo, o aparelho receptor assume um papel relevante no que toca aos serviços de comunicação, uma vez que, atua como porta-voz de pessoas que, devido morarem em locais distantes apontam para a necessidade de receberem informações, sendo que o rádio é o canal que viabiliza o acesso a estas. Segundo Dângelo das várias recordações acerca do rádio:

---

<sup>44</sup> SOUSA, Luís Alves de. Depoimento concedido a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.

<sup>45</sup> HALBWACHS, op. cit., 2006.p.78.

<sup>46</sup> SOUSA, op. cit., 2011.p.42.

Todavia, cada momento registrado pode levar a diferentes experiências em torno da radiofusão, não se trata de buscar no rádio as imagens e os reflexos sobre o sujeito, ditas e produzidas tecnicamente, mas procurar compreender as interferências e absorções em seu cotidiano.<sup>47</sup>

### 1.6. Ter rádio era sinônimo de riqueza?

Não eram todas as pessoas que podiam adquirir um aparelho de rádio, pois, além de ser um produto caro também não tinha para vender nas lojas próximas. No Feijão Bravo II, no entanto, esta realidade não era diferente.

É somente na década de 1960 que pode ser apontado como o momento em que ocorreram os primeiros contatos da população local com o aparelho receptor, visto que, para a comunidade segundo Luís Alves de Sousa quem tinha um aparelho de rádio era questão de oportunidade e não de aquisição social:

Ter um rádio não era sinônimo de riqueza não, era por oportunidade, sabe por quê? Porque na época de 60 (referindo-se a década de 1960), quando nós chegamos com o rádio aqui, em mais ou menos 61,62 que ele (referindo-se ao seu pai) trouxe o rádio para cá, não tinha ninguém que tivesse um rádio, que eu conhecia os ricos, aqui algumas pessoas que tinham alguma coisa, Né Bezerra não tinha. Quando nós chegamos nessa serra bem aqui que foi instalado um rádio, nem Né Bezerra tinha ele andava por Recife, era negociante, prefeito e tal, tinha dinheiro, que andava por aí, mas, não tinha um rádio não. E não houve interesse por parte dos ricos em ter um rádio, aí depois foi desenvolvendo.<sup>48</sup>

Na segunda metade do século XX, ainda não era muito comum na comunidade Feijão Bravo II a existência de um aparelho de rádio nas casas, devido ao alto preço dos aparelhos, mas, como Luís Alves de Sousa relatou ter um rádio nessa época era uma questão de interesse por parte da pessoa que possuíam dinheiro, isso, mostra a realidade do interior piauiense, especificamente dessa comunidade.

De acordo com Santos acerca da relevância do rádio comenta que:

“O rádio por ser falado e não escrito, veio a possibilitar que a informação e o entretenimento chegassem a um público que antes não tinha acesso, ou seja, aos analfabetos, visto que diferente da imprensa escrita era acessível apenas a uma pequena parcela da sociedade culturalmente letrada. Agora,

<sup>47</sup> DÂNGELO, op. cit., 2012.p.25.

<sup>48</sup> SOUSA, Luís Alves de. Depoimento concedido a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.

com a inserção, capaz de ser compreendido pelas pessoas estas puderam contar com o rádio como parte da sua formação.”<sup>49</sup>

Dessa forma, o rádio torna uma perspectiva nunca antes vista pelo caráter de não ser meio de comunicação que exige o domínio da escrita é o veículo com o qual a família se identifica e passa a estabelecer uma sociabilidade diferente de outras formas de lazer.

Por outro lado o senhor Deoclécio Alves de Sousa afirma que só poderia possuir um aparelho de rádio quem fosse rico: Nesse tempo nem todo mundo poderia possuir um rádio, na casa que tinha rádio todos considerávamos aquela pessoa como rica.

Ao analisarmos cada um desses depoimentos, não podemos deixar de reconhecer que eles são pontos de referência do depoente, estando, por outro lado, profundamente marcados pela individualidade e subjetividade dos sujeitos narradores. Mas observa-se também que, vez por outra, eles se complementam; cada relato reforça as informações presentes nas narrativas dos outros depoentes, mostrando que as perspectivas da memória não são apenas individuais, mas também coletivas. Conforme ressalta Halbwachs:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são todas de natureza social.<sup>50</sup>

O rádio embalou o sonho de muitos ouvintes, informou e formou opiniões. Depois de evidenciar sua importância, este estudo está focado acerca das sociabilidades que o rádio trouxe para a comunidade Feijão Bravo II e como ele foi um veículo para reunir pessoas a sua volta. Assim de uma forma ou de outra, com mais ou menos intensidade, os entrevistados tiveram participação ativa na radiodifusão da comunidade. Diante disso LIMA vai dizer que “o horário de

---

<sup>49</sup> SANTOS, op. cit., 2011.p.8.

<sup>50</sup> HALBWACHS, op. cit., 2006.p.51.

determinados programas se torna um momento de reunião de pessoas, o qual se repete ritualisticamente todos os dias em que o programa é transmitido”.<sup>51</sup>

---

<sup>51</sup> LIMA, Nilsângela Cardoso. Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: a Rádio Difusora de Teresina na década de 1950. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JR, F.C. Fernandes (orgs). Encruzilhadas da História: Rádio e Memória. Recife: Bagaço, 2006.p.142.

## 2. RÁDIO: UM ELEMENTO DE LAZER E REUNIÃO FAMILIAR

Escolho aqui recordar: a etimologia da palavra *Cor*<sup>52</sup> traduz a afetividade que me guia ao passado. Garantia que o passado não passou podendo irromper a cada momento na recriação e atualização das experiências.

Nesse capítulo, vamos falar um pouco da memória afetiva, por meio dela entendemos o sentimento, o desejo, o prazer da lembrança de algo ou alguém que permanece vivo na nossa memória e onde os sujeitos que entrevistamos compartilham as suas lembranças do Feijão Bravo II na década de 1960, que foi quando o rádio adentrou nessa comunidade. Essa afetividade promovida pelo rádio se dá, sobretudo, no seio familiar onde se recorda da instituição que, ao pé do rádio, todos os membros se reuniam.

Nesse sentido, no presente capítulo, apresentaremos de forma mais afetiva, como os indivíduos se relacionam com os espaços de memória, rádio o que evidencia a existência de uma relação com o lugar que não pode ser percebido apenas com uma percepção puramente física. O rádio é uma destas formas de lazer que no passado, contribuiu para a sociabilidade e as sensibilidades que pode ser definida como toda interação dos seres humanos que, de maneira divertida realiza um interesse comum e ao ser mediado pelo rádio tornou-se uma atividade lúdica.<sup>53</sup>

### 2.1. A proximidade das pessoas ao redor do rádio

O rádio vem como um meio poderoso de sociabilização, já que este leva à reunião de pessoas ou o agrupamento familiar para acompanhar sua programação e chegando mesmo a ocupar um lugar específico na casa. Com base nisso, não se deve tão somente a uma necessidade de compreensão da função comunicativa do rádio, mas, sobretudo, porque se espera desvendar as relações sociais do rádio com seus ouvintes. Vejamos isso em um fragmento de memória do senhor Luís Alves de Sousa:

---

<sup>52</sup> Grifo nosso.

<sup>53</sup> SIMMEL, G; MORAES FILHO, Evaristo (Org.). op. cit.

Todo mundo se juntava ao redor do rádio, olha na hora daqueles programas, era à noite ou à tardinha, era quando a gente mais se reunia em casa, pois, era quando todos voltavam da roça, e eu era muito ligado desde pequeno. Meio-dia eu já ligava o rádio, mas, o rádio era sempre trancado, mas, cinco horas era que começava os programas de cantador, programa da Bahia, da Rádio Cultura de Recife, aí a noite não parava, a gente ia dormir dez horas, porque antes disso (da chegada do rádio), agente dormia era 6 horas.<sup>54</sup>

A proposta de trabalhar a perspectiva das afetividades surgiu do fato de remeter-me as memórias da infância, em que, o rádio é tratado de uma forma saudosista, de construção mítica dessa lembrança, que não existe mais, contudo, que está presente na memória coletiva dos que nela viveram. A memória afetiva torna-se muitas vezes, mais real do que os acontecimentos racionais e físicos do presente. Seguindo essa linha de pensamento, Pollack afirma que a multiplicação dos objetos que podem interessar à história, construída pela história oral, implica diretamente aquilo que ele chama de uma sensibilidade epistemológica específica, aguçada.<sup>55</sup>

Tarkovski convida seus expectadores a mergulharem no entendimento destas sutilezas do tempo e da memória, ao realizar seu filme autobiográfico “O Espelho”.<sup>56</sup> Ele recorre à própria memória e pede para que a produção consulte um agrônomo com o intuito de plantar um trigal em frente à casa escolhida para locação do filme. O consultor recusou alegando a impossibilidade de se nascer trigo naquela região e naquele tipo de solo. Tarkovski não ouviu o experiente agrônomo e pediu que a produção plantasse e esperasse sete meses para a gravação. Foi fiel a memória afetiva de sua infância e para surpresa de todos os agrônomos da região, a plantação de trigo ficou bela e reluzente para as cenas da infância.

O relato acima, rapidamente apresentado, sugere-nos um momento singular da memória afetiva de Tarkovski, o que vamos fazer nesse capítulo é pontuar efetivamente a memória dos entrevistados e dessa forma compreender uma sociabilidade dos laços de parentescos, quando se reuniam familiares e vizinhos que não possuíam aparelho de rádio para compartilhar das benesses daquele aparelho. Que segundo Pesavento:

---

<sup>54</sup> SOUSA, Luís Alves de. Depoimento concedido a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.

<sup>55</sup> POLAK, op. cit.,1992.p.15.

<sup>56</sup> O espelho URSS/1974, o filme remete a história pessoal de Andrei Tarkovski, o diretor do filme.

O real é sempre o referente da construção imaginária do mundo, mas não é o seu reflexo ou cópia. O imaginário é composto por *um fio terra*, que remete às coisas, prosaicas ou não, do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que, concretamente, não existem. Há um lado do imaginário que se reporta à vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real.<sup>57</sup> [grifo do autor]

Segundo Bosi, quando analisamos a matéria lembrada, estamos analisando a substância social da memória e podemos constatar que o modo de lembrar não se restringe ao plano individual, mas é também social, uma vez que o grupo transmite as lembranças, podendo retê-las ou mesmo reforçá-las. Entretanto aquele que recorda, no momento em que expressa suas lembranças e as evoca de maneira particular, dá uma cor individualizada à memória comunitária e, “[...] no que lembra e no como lembra, faz com que fique o que signifique”<sup>58</sup>. Isso nos mostra que a memória, além de ser social e comunitária, também tem conotação individual e afetiva.

Naquilo que concerne às relações de sociabilidades mediadas através do rádio que se torna o diferencial em relação a outros meios de comunicação, pois, deve-se considerar que este favorece a integração social entre povos, é uma nova alternativa de lazer e que marca um momento de ruptura dos veículos de comunicação que deixam essa sociabilidade no contato físico para estabelecer relações sociais a partir do caráter não físico. Pois, remete-nos as lembranças das histórias da minha infância em que todos da minha família íamos para o interior e sentávamos ao redor do rádio de pilha do meu bisavô para escutar os recados que os locutores repassavam, pois não havia energia elétrica no interior nessa época.

Indagada sobre como o rádio servia para unir as pessoas Dionéia Cipriano de Sousa Alves busca na memória e expõe o fato:

Quando chegava a hora dos programas, as 17h00min que tinha os programas de violeiro ou forró, principalmente na época do São João [referindo-se as festas juninas], juntava muita gente pra dançar e ouvir as músicas a noite inteira, era como as festas de hoje em dia.<sup>59</sup>

<sup>57</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: \_\_\_\_\_. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.p.47.

<sup>58</sup> BOSI, op. cit.,. 1994.p.66.

<sup>59</sup> ALVES, Dionéia Cipriano de Sousa. Entrevista concedida a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out.de 2013.

Relembrando o passado e a vivência cotidiana da reunião de pessoas ao redor do rádio, Dionéia Cipriano de Sousa Alves narra às experiências partilhadas em grupo na comunidade Feijão Bravo II. Tais narrativas são compreendidas através do conceito de Maurice Halbwachs, quando tratando de memórias individuais e coletivas, entende que:

Normalmente um grupo mantém relações com outros grupos. Muitos acontecimentos e também muitas ideias resultam de semelhantes contatos. Às vezes essas relações ou esses contatos são permanentes ou, em todo caso, se repetem com muita frequência, prosseguem durante muito tempo.<sup>60</sup>

Halbwachs nomeia os elementos que se inserem em uma memória de conjunto de testemunhas exteriores, incluindo pessoas, espaços e objetos. Neste conjunto, consiste a massa das memórias que se cruzam nas instituições sensíveis. Assim sendo, as memórias individuais aparecem emolduradas em quadros das memórias coletivas.

Essas informações são corroboradas ainda por Deoclécio Alves de Sousa:

Quem trouxe o rádio foi meu pai, de São Paulo, e isso foi uma alegria “medonha”, ele chegou e disse meu filho trouxe um rádio. Muita gente mais atrasada do que nós não sabiam o que era um rádio, nós sabíamos por que pai explicou pra gente como era um rádio, até outras pessoas comprarem e virar um produto comum era à atração do local. Mas, o rádio ele servia pra unir pessoas, unir uma sociedade, pela questão que os vizinhos tinham a tradição de ir todos os dias a noite para casa da pessoa que tinha rádio, e ainda diziam tal hora nós vamos à casa de João de Luís para assistir o rádio e fazer aquela festa!<sup>61</sup>

Nesse sentido a memória dos entrevistados é de reunião familiar, de um lazer que antes do rádio não tinha e que provoca saudades, o conhecimento sensível opera como uma forma de reconhecimento e tradução da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vêm do íntimo de cada indivíduo<sup>62</sup>. Através dos registros da memória

<sup>60</sup> HALBWACHS, op. cit., 2006.p.52.

<sup>61</sup> SOUSA, Deoclécio Alves de. Entrevista concedida a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.

<sup>62</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades, Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 04 febrero 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.229. Acessado em: 20 de dezembro 2013.

coletiva do passado, ainda viva na trajetória dos indivíduos e que foram apropriados pelos grupos, percebemos que ao longo dos anos mesmo com as necessidades e com o progresso, contudo, essa memória afetiva permaneceu viva nos desejos, na coletividade e nas experiências de cada sujeito histórico. Saudade, palavra que se define como sendo a lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las.<sup>63</sup> Por sermos seres de memória, por lembrarmos, mantemos com o tempo uma relação particular, uma relação não apenas racional, mas sensível, não apenas objetiva, mas subjetiva, uma relação marcada pela aceitação e pela repulsa.<sup>64</sup>

Sandra Pesavento discute em seu artigo *Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades* à proposta de Droysen sobre representação do passado. A saber:

Da mesma forma, Droysen entendia que, desde o presente, o historiador se deparava com as representações daquilo que fora um dia e que faziam com que este passado lhe fosse um *não passado*, ou seja, um tempo a ser representado pelo historiador. Assim, Droysen tratava também as fontes ou registros do passado, este material imprescindível ao empirismo da história, como *representações* construídas em outro tempo, cabendo ao historiador, por seu turno, representar o já representado.<sup>65</sup>

A definição de representação do passado entendida por Sandra Pasavento que uma acepção da história enquanto ciência devia passar, forçosamente, pela especificidade do seu material empírico, que já chegava ao historiador enquanto representação, sendo assim, o que era longínquo no espaço e no tempo podia ser atingido e tornar-se compreensível, pois fora expresso pela linguagem e construído como representação. Como meta final, o historiador buscava sempre atingir *motivações, sentimentos, razões*, singulares ou coletivas, deixados nos traços materiais em acontecimentos únicos e singulares. Estes sentidos construídos no tempo do passado poderiam tornar-se inteligíveis para o historiador, mas dentro de certos limites, ponderava Droysen.

---

<sup>63</sup> Ver HOLANDA, Aurélio Buarque de, *Novo Dicionário Aurélio*, 15 ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975, p. 1276

<sup>64</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Maria Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes. (Org.). *História e Sensibilidade*. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 117- 139.p.117. Acesso em: 10 de agosto de 2012.

<sup>65</sup> PESAVENTO, op. cit., 2004.p.4.

## 2.2.O rádio como forma de lazer e as mudanças no cotidiano da comunidade

O rádio faz parte do cotidiano das pessoas, atuando no contexto familiar como uma espécie de companheiro que se constitui como um importante meio de informação e de entretenimento, sua relevância torna-se ainda maior porque em um contexto específico, o rádio assume o caráter de não somente meio de comunicação, mas de um elemento de lazer. Com a introdução do rádio dentro de casa, na sala de estar, o lar é ressignificado como espaço de lazer, proporcionando um novo divertimento à família.<sup>66</sup> Entendemos assim como Lima, que o lar tornou-se também um lugar festivo depois da propagação do rádio, pois, além de proporcionar o prazer com as músicas transmitidas, este ainda poderia construir uma forma de sociabilidade, sobretudo, familiar, que iria além dos laços de parentescos, quando se reuniam os vizinhos que não possuíam o aparelho de rádio para compartilhar das benesses daquele aparelho.

O contexto cultural e também das cidades em si, nos momentos iniciais do século XX, foi marcado pelo ideal e por projetos modernizadores que, para alguns, era uma forma de controlar as cidades e modelar os costumes, sendo por isso que sua assimilação não se deu de maneira uniforme, não atingindo toda a população da mesma maneira.

A perspectiva que vamos desenvolver agora é uma reflexão acerca das concepções e vivências de lazer através do rádio. E para compreendê-lo é necessário conhecer diferentes sentidos atribuídos a ele em diferentes momentos históricos. Contudo, as pesquisas foram ganhando mais força e disseminação no meio acadêmico, devido à influência do sociólogo francês Joffre Dumazedier. O autor define lazer como:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> LIMA, op. cit., p. 144.

<sup>67</sup> DUMAZIER, apud ROSA, Tatiane da Silva da. Lazer, concepções e vivências de uma juventude. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006. P. 25.

Como percebemos nas palavras de Dumazedier, o lazer é considerado todo e qualquer momento em que os indivíduos escolhem para se desligar das obrigações cotidianas em casa ou no trabalho, para descansar o corpo, conversar ou apenas frequentar os espaços da cidade.

Tatiane Rosa discute em sua dissertação de Mestrado a proposta de Melo e Júnior sobre lazer. A saber:

[...] os autores nos mostram que grande parte do tempo que temos fora do trabalho está comprometida com outras obrigações. Logo, nem tudo o que vivemos no tempo livre é lazer. Melo e Júnior destacam que não estamos livres de compromissos durante os momentos de lazer. No entanto, os graus de obrigação são bem menores nos momentos de lazer se comparados com os momentos de trabalho. No lazer, temos mais possibilidade de escolher o que desejamos fazer e em qual momento.<sup>68</sup>

A definição de lazer entendida por Tatiana Rosa se aproxima do conceito de Dumazier, tratando o lazer não como um momento do tempo livre, mas de tempo que se tem a liberdade de escolha do que se quer fazer, inclusive para realizar atividades de trabalho que proporcione prazer, mas sem o peso da obrigatoriedade.

Acerca do lazer na comunidade Feijão Bravo II Deoclécio Aves de Sousa:

O rádio trouxe muita alegria para o povo, para todo mundo naquele tempo, porque ninguém sabia nada do mundo... Era o único meio de lazer e divertimento, quando havia farinhada e era de três a quatro meses, mas, toda noite! Toda noite! A gente dançava ao som do rádio. Forró, tudo que tocava no rádio a gente estava dançando. No São João todas as pessoas, à noite, depois de todos os seus afazeres prontos, nós, ligávamos o rádio, juntava umas 30 pessoas toda noite! E passávamos a noite inteira dançando era muita alegria. Aí perguntavam e o que é isto? Eu respondia é um galão de briga, e todos caíam na risada.<sup>69</sup>

Assim, entendemos que o rádio deve ser visto não mais como invento que tornaria “facilitada” a comunicação e proporcionaria maiores possibilidades de lazer; mas com resultado de décadas de embates sociais em torno da construção de identidades e linguagens, como das necessidades de consumo e lazer, envolvendo trabalhadores rurais e urbanos, fazendeiros, imigrantes, afro-brasileiros, comerciantes, industriais, mulheres e crianças.<sup>70</sup> Nessa perspectiva a narrativa de

<sup>68</sup> MELO, JÚNIOR, apud ROSA, p. 19.

<sup>69</sup> SOUSA, Deoclécio Alves de. Entrevista concedida a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.

<sup>70</sup> DÂNGELO, op. cit., p. 47.

Deoclécio Alves Sousa carrega as primeiras experiências com o rádio como meio de lazer, que permitiu sua popularização como nova abordagem por saberes de práticas de sociabilidade e lazer em seus hábitos e da população local, onde frequentavam as casas que tinha rádio, para conversar, dançar e se divertir, constituindo-se, nesse sentido, como espaços de lazer e sociabilidades na referida comunidade.

Era o lazer... Não tinha outro, porque, não tinha outra comunicação só tinha aquela. A única comunicação era pelo rádio, não existia outra, eu gostava de mais de ouvir rádio, eu cansei de levar o rádio pra roça, era eu trabalhando e rádio ligado, e eu ouvindo o rádio!<sup>71</sup>

A narrativa acima apresenta que o rádio fez parte do cotidiano e acompanhava o *labour* cotidiano do senhor Luís Alves de Sousa em suas atividades na roça. É inigualável que o rádio, enquanto forma de sociabilidade chegou ao interior dos lares de maneira lenta, se for comparado com outros locais do país e com outros meios de comunicação. Todavia, o rádio se tornou indubitavelmente um meio acessível a todos os familiares.

O homem sente saudade é de si mesmo, de um ser que se dispersa à medida que vive uma vida temporal que é de uma substância sem substância: o tempo.<sup>72</sup> Ao questionarmos os nossos entrevistados sobre as vivências cotidianas com o rádio, percebemos que a grande maioria remete suas lembranças para o rádio que era a única forma de lazer da comunidade Feijão Bravo II, que desde a locomoção do aparelho transmissor para a roça onde trabalhavam o dia todo, até para a noite onde faziam festas dançando entre si. Nesse sentido o rádio para a referida comunidade era uma campo de atração para a população local, que tinha o aparelho transmissor como o seu ponto principal de sociabilidades e lócus de vivência coletiva, era através dele que se experienciava grande parte das práticas juvenis da época, desde o encontro com os amigos a festas organizadas entre eles.

Saudade e história são, pois, a luta incessante contra o esquecimento, contra o tempo que ameaça de ruína um ser individual ou nacional que precisava ser reencontrado em suas manifestações mais autênticas, originais e primevas. Saudade e história falam das sombras do tempo que

<sup>71</sup> SOUSA, Luís Alves de. Depoimento concedido a Hildegardes Alves. Feijão Bravo II: 12 de Out. de 2013.

<sup>72</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p.130.

se apoderam das coisas e dos homens e as fazem inexistir, deslocam o foco de luz do presente para buscar, entre as brumas do passado, a silhueta, apagada pelo tempo, de um ser nacional ou pessoal que se desviou de seu caminho, que se perdeu nas trevas dos tempos.<sup>73</sup>

O que se coloca aqui é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar as representações daquilo que provoca emoção, que perturba que mexe e altera os padrões estabelecidos e as formas de sentir. Dessa maneira os moradores do Feijão Bravo II vão colocando seu saudosismo de uma memória afetiva de um tempo em que o rádio era um aparelho mágico que saía de lá as vozes dos locutores e as músicas preferidas dos ouvintes. O ato de sintonizar a rádio “[...] significa também vincular ao tempo dos outros, participar da vida da comunidade”<sup>74</sup> Nessa relação emissor e receptor, o rádio teve papel fundamental para firmar e “[...] realimentar os circuitos das relações mágico-afetivas”<sup>75</sup>.

Analisar o impacto do rádio no cotidiano das pessoas demanda uma investigação das percepções acerca das vivências singulares dos moradores da comunidade Feijão Bravo II. Ressalta-se que a utilização da expressão “cotidiano” segue a definição de Lia Calabre de Azevedo, que entende como a prática habitual que unifica e compõe o dia-a-dia de um determinado grupo social. Para a autora, o rádio participa intensamente do cotidiano da sociedade brasileira, e por isso mesmo, altera a rotina dos lares, propondo novidades culturais e informa as “últimas novidades” do mundo urbano.<sup>76</sup>

Tratando sobre a história do rádio no Piauí e sua contribuição para incremento da vida cotidiana a partir da introdução de um aparelho de rádio nos lares, a pesquisadora Nilsângela Lima ao narrar sobre a Rádio Difusora de Teresina no ano de 1950, afirma que...

Para entender o aspecto sociocultural da rádio e sua entrada no cotidiano é necessário ressaltar álbuns, programas de rádio que tiveram grande penetração na sociedade, e na medida em que ganharam tal importância, começaram a modelar uma nova forma de lazer, visto que, foram se

<sup>73</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, op. cit., p.123.

<sup>74</sup> MENEZES, José Eugênio de Oliveira de. *Rádio, Memória e Cidade*. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/pesquisadores/eugenio.html>>. Acesso em: março de 2013.

<sup>75</sup> TINHORÃO, J. R. Op. cit., p. 119

<sup>76</sup> AZEVEDO, Lia Calabre de. No tempo do rádio: radiofusão e cotidiano no Brasil. 1923-1960. [http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002\\_AZEVEDO\\_Lia\\_Calabre-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002_AZEVEDO_Lia_Calabre-S.pdf)> Acesso em 15 de fev. de 2014.

somando com o lazer e formas de viver tradicionais existentes, ordenando uma nova forma de vida cidadina. [...]<sup>77</sup>

Partindo do pensamento em destaque acima, afirma-se que para entender o aspecto sociocultural do rádio na comunidade Feijão Bravo II, implica necessariamente, em avaliar de que forma o aparelho receptor se inseriu no cotidiano das pessoas.

### 2.3 O encanto acabou

A propriedade do rádio de acalentar diferentes significados para os ouvintes e que, logo após a locução, esvai-se pelos caminhos tortuosos da memória, por vezes preenchidos por visões idealizadas daquilo que se queria com o rádio, e não aquilo que pode ter sido.<sup>78</sup>

Há muitas razões sobre o motivo do rádio não ser mais o único e principal meio de comunicação do Feijão Bravo II. Um dos primeiros fatos que identificamos foi que este foi perdendo espaço para a televisão como bem enfoca um dos nossos entrevistados: “Mas no geral uma boa parte da população brasileira deixou o rádio, devido à energia elétrica chegar, aí tiveram acesso de comprar televisão e com isso todas as tecnologias que temos hoje.”<sup>79</sup>

Com isso, a concorrência com a televisão levava o rádio a ser deixado de lado, até mesmo porque a TV permitia que as pessoas assistissem uma quantidade maior de temas e canais. No entanto, essa justificativa para a decadência do rádio deve ser analisada com cautela uma vez que a entrada de um meio de comunicação novo não significa que somente este motivo levará outro à falência, inclusive porque a quantidade de televisores existentes na cidade não era tão grande e nem todos podiam comprar, ficando restrito apenas a algumas pessoas em melhores condições econômicas, já que não era algo barato.

Perdeu o encanto do rádio, que... Eu trabalho o dia todo, meio- dia o rádio funciona (escuta o rádio), mas, a noite não tem rádio mais... E foi modo à

---

<sup>77</sup> LIMA, op. cit., p. 141.

<sup>78</sup> DÂNGELO, op. cit., p. 165.

<sup>79</sup> SOUSA, Ana Francisca da Conceição. Depoimento concedido a Hildegardes Alves. Monsenhor Hipólito-PI: 12 de Out. de 2013.

energia. E a importância? A energia superou tudo! A energia faz tudo... A comodidade do dia-a-dia que a energia elétrica trouxe é melhor que tudo que já foi inventado.

Para Francisco Alcides do Nascimento, “o poder do rádio explica-se porque esse instrumento mágico podia ser ouvido, mesmo em lugares onde a energia elétrica ainda não tinha chegado e influenciado opiniões e comportamentos”.<sup>80</sup>

Embora haja unanimidade entre os participantes ao afirmarem que mesmo depois do seguimento de outros meios de tecnologia e transporte, o hábito de ouvir o rádio diariamente e em determinados horários diminuiu substancialmente, assim como a quantidade de ouvintes, ressaltam que ainda ouvem o rádio.

Ao conceder as entrevistas, expondo ideias e fatos relativos à significância do rádio para a sua vida particular, ou em comunidade, os participantes revelam-se coautores do programa de uma história que perdura desde a década de 1960. Deixando evidente, em cada citação, o envolvimento que tiveram e ainda têm com o rádio. Assim, de uma forma ou de outra, com mais ou menos intensidade, os entrevistados tiveram participação ativa e atenderam “um convite à participação da história do rádio na comunidade Feijão Bravo II”, bem como, a história de cada um deles, constatamos com esses relatos, entrelaçara-se ao longo do tempo e nem o avanço tecnológico imprimiu intensidade bastante para apagar de vez o rádio de suas vidas.

---

<sup>80</sup> NASCIMENTO, op. cit., p. 54.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após fazermos uma discussão sobre a trajetória do rádio na comunidade Feijão Bravo II na cidade de Campo Grande do Piauí, ficou presente na fala dos entrevistados a importância para a consolidação de determinadas práticas sociais proporcionados pela diversificação de sua programação levando cultura, entretenimento e lazer aos seus habitantes.

Nossas fontes principais foram as fontes orais, muito importantes para esse trabalho, bem como às memórias de atores sociais que vivenciaram de perto o advento do rádio na referida comunidade. Verificamos, assim, que a memória é um manancial no entendimento das representações simbólicas do cotidiano de uma sociedade, suas experiências, seus sentimentos e suas sensibilidades.

Discorrer sobre essa temática não é assim tão simples, devido às poucas fontes documentais que tratam do assunto, a metodologia da história oral foi decisiva para a construção de uma narrativa histórica sobre a inserção do rádio no Feijão Bravo II. A utilização da fonte oral foi, de fato, indispensável, apesar das críticas de que a memória, como fonte histórica, não é confiável, sendo considerada “distorcida pela deterioração física e pela própria nostalgia comum junto aqueles com idade avançada, pelas tendências pessoais tanto do entrevistador como do entrevistado e pela influência das versões coletivas e retrospectivas”<sup>81</sup> ela é uma importante fonte que possibilita retratar vivências, modos de vida e “produzir história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram participaram de um determinado período, por intermédio de suas referências e também do seu imaginário”.<sup>82</sup>

Este estudo não esgota o assunto da trajetória do rádio, visto que se trata de uma história em construção, e, por isso mesmo, ainda existem lacunas. Todavia, sabe-se que ao lado de outros trabalhos acadêmicos e de pesquisas desenvolvidas em trabalhos de conclusão de cursos na área da Comunicação Social e História, esta monografia contribui para tirar do silêncio parte da história e memória do rádio no Feijão Bravo II, no período compreendido entre 1960 a 2013. Assim, espera-se

---

<sup>81</sup> NASCIMENTO, op. cit., 2005. p. 03.

<sup>82</sup> FREITAS, op. cit., 2006. P. 80.

que o presente estudo possa suscitar novos questionamentos e incidir em novas pesquisas, sobre o rádio e sua importância social no cotidiano, que abrem um leque de possibilidades dos serviços de radiodifusão prestados à sociedade e pelo caráter de lazer e nostalgia que o rádio acarreta.

## REFERÊNCIAS

### 1. FONTES

#### 1.1. FONTES ORAIS

SOUSA, Luís Alves de. Depoimento concedido à Hildegardes Alves Bandeira Bomfim. Feijão Bravo II, 2013.

SOUSA, Ana Francisca da Conceição. Depoimento concedido à Hildegardes Alves Bandeira Bonfim. Monsenhor Hipólito, 2013.

SOUSA, Deoclécio Alves de. Depoimento concedido à Hildegardes Alves Bandeira Bomfim. Feijão Bravo II, 2013.

SOUSA, Dionéia Cipriano Alves de. Depoimento concedido à Hildegardes Alves Bandeira Bomfim. Feijão Bravo II, 2013.

#### 1.2. FILME

O ESPELHO (1974), (Zerkalo, The Mirror) direção e roteiro de Andrei Tarkovski, gênero: drama, produção E. Vaisberg/Mosfilm, fotografia de Georgi Rerberg, montagem Liuba Feiginova, música Eduard Artemev, 35mm, 101 minutos, DVD (remasterizado em 2003), Cor/P&B com legendas em português, distribuidora VTO Continental.

### 2. BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Maria Haizenreder e PARENTE, Temis Gomes. (Org.). História e Sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 117- 139. Acesso em: 10 de agosto de 2012.

ANDRADE, José Maria Vieira de. Pelas ondas da Rádio Pioneira de Teresina: história, sociedade e cultura em sintonia. Teresina: 2005. Monografia (Licenciatura Plena em História) – UFPI.

AZEVEDO, Lia Calabre de. No tempo do rádio: radiofusão e cotidiano no Brasil. 1923-1960. [http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002\\_AZEVEDO\\_Lia\\_Calabre-S.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2002_AZEVEDO_Lia_Calabre-S.pdf)> Acesso em 15 de fev. de 2014.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

DÂNGELO, N. *Vozes da cidade: rádio e cultura popular urbana em Uberlândia – MG-1939-1970*. Uberlândia, EDUFU, 2012.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DUMAZIER, apud ROSA, Tatiane da Silva da. *Lazer, concepções e vivências de uma juventude*. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006.

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. ***Usos e abusos da História Oral***. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. <http://www.fiocruz.br/ehosudeste/templates/htm/viiincontro/textosIntegra/AparecidaMacielaSilvaShikidaeMariaAparecidaMoura.pdf>. acessado em 2013.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. 2. Ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

HALBWACHS, Maurice. ***A memória coletiva***. Tradução: Beatriz Sidou. – São Paulo: Centauro, 2006.

HOLANDA, Aurélio Buarque de, *Novo Dicionário Aurélio*, 15 ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LIMA, N. C. ***Invisíveis asas das ondas zyg-3: sociabilidade, cotidiano e cultura em Teresina (1948-1962)***. (Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí), 2007.

\_\_\_\_\_. *Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: A rádio Difusora de Teresina na década de 1960*. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas F. *Rádio: encruzilhada da história: rádio e memória*. Recife: bagaço, 2006, p. 131-158.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira de. *Rádio, Memória e Cidade*. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/pesquisadores/eugenio.html>>. Acesso em: março de 2013.

NASCIMENTO, F.A. *História e Memória: O Rádio por seus locutores*. **Revista de História estudos Culturais**, v.3,anoll,n-4 Outubro a Dezembro,2006.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Fios de memória: histórias do rádio*. In: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; NASCIMENTO, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Área Paz. *Histórias: cultura, sociedade, cidades*. Recife: Bagaço, p. 1 – 29, 2005. Disponível em: [http://www.ufpi.br/mesthistoria/downloads\\_artigos/fiosdememoria.pdf](http://www.ufpi.br/mesthistoria/downloads_artigos/fiosdememoria.pdf). Acesso em 11 ago. 2012.

NUNES. Helvídio. *Tempo de Política*. Teresina: Alínea publicações. 1996.

ORTRIWANO, Gisela Swtetlana: A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 4. Ed. São Paulo: Summus, 1985.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. In: \_\_\_\_\_. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades, Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Coloquios, Puesto en línea el 04 febrero 2005. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/229> ; DOI : 10.4000/nuevomundo.229. Acessado em: 20 de dezembro 2013.

POLAK, M. **Memória e identidade social**. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v 5, n. 10,1992.

ROSA, Tatiane da Silva da. Lazer. Concepções e vivências de uma juventude. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006.

SANTOS, F. A. **Pelas ondas sonoras de 790kh2**: Sociabilidade, cultura e lazer da rádio mafrense (1990 – 2010). Picos, 2011. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí.

SIMMEL, G. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1983.

SOUSA, M. A. **No ar, o programa correspondente do interior**: História e Memória da Rádio Difusora de Picos (1979- 2011). Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos- PI, 2011.

TINHORÃO, José Ramos. Música popular: do gramofone ao rádio e TV. São Paulo: Ática, 1981.

Eu, **Hildegardes Alves Bandeira Bomfim**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI 13 de agosto de 2014.

*Hildegardes Alves Bandeira Bomfim*

Assinatura

#### FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo

**B695e** Bomfim, Hildegardes Alves Bandeira.  
Ecos radiofônicos: história, memória e sociabilidade na comunidade  
Feijão Bravo II em Campo Grande Piauí (1960 – 2013) / Hildegardes Alves  
Bandeira Bomfim. – 2014.  
CD-ROM : 4 ¾ pol. (52 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí.  
Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. MSc. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

1. Rádio. 2. História. 3. Memória. 4. Cotidiano I. Título.

**CDD 981.812 2**